

O FIO DO DESTINO

Personagens

OS CLÃS

Os Otori

(País do Meio; cidade fortificada: Hagi)

Otori Shigeru	herdeiro do clã Otori
Otori Takeshi	seu irmão mais novo
Otori Shigemori	seu pai, senhor do clã
Otori Masako	sua mãe
Otori Shoichi	seu tio
Otori Masahiro	seu tio
Otori Ichiro	professor de Shigeru
Chiyo	chefe das criadas da casa da Senhora Otori
Otori Eijiro	chefe de um ramo da família
Otori Eriko	sua esposa
Otori Danjo	seu filho
Harada	um dos escudeiros de Shigeru
Komori	um homem de Chigawa, «O Imperador das Grutas»
Haruna	dona da Casa das Camélias
Akane	uma cortesã famosa, filha do pedreiro
Hayato	seu amante
Yanagi Moe	esposa de Shigeru

Mori Yusuke	o domador de cavalos dos Otori
Mori Yuta	seu filho mais velho
Mori Kiyoshige	seu segundo filho, o melhor amigo de Shigeru
Mori Hiroki	seu terceiro filho, mais tarde padre
Miyoshi Satoru	um ancião do clã
Miyoshi Kahei	seu filho mais velho, amigo de Takeshi
Miyoshi Gemba	seu filho mais novo
Irie Masahide	instrutor de esgrima dos rapazes Otori
Kitano Tadakazu	Senhor de Tsuwano, vassalo dos Otori
Kitano Tadao.....	seu filho mais velho
Kitano Masaji	seu segundo filho
Noguchi Masayoshi	um vassalo Otori
Nagai Tadayoshi.....	o escudeiro-mor em Yamagata
Endo Chikara.....	o escudeiro-mor em Hagi
Terada Fumimasa	chefe da frota pesqueira dos Otori
Terada Fumio	seu filho
Matsuda Shingen	antigo guerreiro, agora padre, mais tarde Abade de Terayama

Os Seishuu

(Uma aliança de várias antigas famílias do Oeste;
principais cidades fortificadas: Kumamoto e Maruyama)

Maruyama Naomi	chefe do clã Maruyama
Maruyama Mariko	sua filha
Sugita Sachie	sua companheira, irmã de Otori Eriko
Sugita Haruki	escudeiro-mor de Maruyama, irmão de Sachie
Arai Daiichi	herdeiro do clã Arai de Kumamoto

Os Toban

(Leste; cidade fortificada: Inuyama)

Iida Sadayoshi	Senhor do clã Tohan
Iida Sadamu	seu filho, herdeiro do clã

Miura Naomichi instrutor de esgrima dos Tohan
Inaba Atsushi seu escudeiro

A TRIBO

Muto Shizuka amante de Arai
Muto Zenko } seus filhos
Muto Taku }

Muto Kenji tio de Shizuka, chefe da família Muto, amigo de Shigeru
Muto Seiko sua mulher
Muto Yuki sua filha

Kikuta Kotaro tio de Shizuka, chefe da família Kikuta

Kikuta Isamu seu primo, membro da Tribo

Bunta um criado

OS OCULTOS

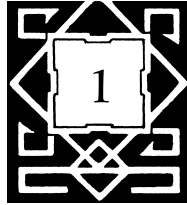
Sara mulher de Isamu
Tomasu seu filho

Shimon segundo marido de Sara
Maruta sua filha mais velha
Madaren sua filha mais nova

Nesutoro um padre itinerante
Mari sua sobrinha

CAVALOS

Karasu o negro de Shigeru
Kamome o cinzento com crina negra de Kiyoshige
Raku o cinzento com crina negra de Takeshi
Kyu o segundo negro de Shigeru
Kuri um baião muito inteligente



As passadas eram leves, quase imperceptíveis por entre os inúmeros ruídos da floresta outonal: o roçar das folhas espalhadas pelo vento de noroeste, o bater distante de asas dos gansos que voavam para sul, os sons que chegavam da aldeia, ao longe, mas Isamu ouviu-as e reconheceu-as.

Pousou a ferramenta de cavar sobre a erva húmida juntamente com as raízes que estava a juntar e afastou-se. A lâmina afiada chamava-o e não quis deixar-se tentar por qualquer ferramenta ou arma. Virou-se na direcção de onde vinha o primo e esperou.

Kotaro entrou invisível na clareira, consoante o costume da Tribo, mas Isamu não se deu ao trabalho de se esconder da mesma forma. Conhecia todos os dons do primo: eram quase da mesma idade, Kotaro menos de um ano mais novo. Haviam treinado juntos, tentando sempre exceder-se um ao outro, haviam sido amigos, até certo ponto, e rivais toda a sua vida.

Isamu pensara que escapara, ali naquela aldeia remota na fronteira oriental dos Três Países, longe das grandes cidades onde a Tribo preferia viver e trabalhar, vendendo os seus poderes sobrenaturais a quem lhes pagasse mais. Tinham muitos clientes naqueles tempos de intrigas e lutas entre os guerreiros, mas ninguém escapava à Tribo para sempre.

Quantas vezes ouvira esse aviso durante a infância? Quantas vezes o repetira para si mesmo com o prazer sombrio induzido pelos velhos dons, enquanto espetava silenciosamente a faca, torcia o garrote ou, o seu método preferido, administrava o veneno, gota a gota, numa boca adormecida ou num olho desprotegido.

Não teve dúvidas de que o mesmo ecoava no espírito de Kotaro, enquanto a figura tremeluzente do primo aparecia.

Por um momento, contemplaram-se mutuamente sem falar. Parecia que a própria floresta se calara e, nesse silêncio, Isamu pensou ter ouvido a voz da mulher, ao longe. Se ele a ouvia, Kotaro também, pois ambos os primos possuíam o dom de ouvir ao longe, tal como ostentavam a linha recta dos Kikuta que dividia a palma da mão.

— Levou-me muito tempo a encontrar-te — disse Kotaro por fim.

— Era essa a minha intenção — retorquiu Isamu. A compaixão ainda não lhe era familiar e encolheu-se perante a dor que lhe despertava no seu coração recém-nascido. Pensou com pesar na gentileza da rapariga, na sua boa disposição, na sua bondade; desejava poupá-la à dor e perguntou-se se o seu curto casamento já teria deixado nela uma nova vida e o que faria após a sua morte. Encontraria conforto junto dos seus, junto de O Secreto. A sua força íntima sustentá-la-ia. Choraria e rezaria por ele. Na Tribo, ninguém o faria.

Seguindo um instinto mal compreendido, como os pássaros daquele lugar bravio que aprendera a conhecer e a amar, decidiu demorar a sua morte e levar Kotaro para longe, para o coração da floresta. Talvez nenhum deles regressasse da sua vastidão.

Dividiu-se em dois e enviou o seu segundo ser em direcção ao primo, enquanto corria, rápido e em absoluto silêncio, os pés mal tocando o solo, por entre os troncos finos dos cedros novos, saltando sobre pedregulhos que haviam resvalado dos penhascos, deslizando sobre rochas negras escorregadias na base de cascatas, desaparecendo e voltando a aparecer por entre a espuma. Estava consciente de tudo quanto o rodeava: o céu cinzento e o ar húmido do décimo mês, o vento gelado que anunciava o Inverno e lhe recordava que não voltaria a ver neve, o berro distante e gutural de um veado, o rufiar de asas e os gritos ásperos à medida que a sua fuga perturbava um bando de corvos. Isamu continuou a correr, seguido por Kotaro até que, muitas horas depois e a muitas milhas da aldeia a que chamava lar, se permitiu abrandar, deixando que o primo o alcançasse.

Embrenhara-se na floresta como nunca. Não se via o Sol e não fazia ideia de onde estava. Tinha esperança de que Kotaro se perdesse e que o primo morresse ali nas montanhas, naquela encosta solitária sobranceira a uma funda ravina. Todavia, não o mataria. Ele, que matara tantas vezes, nunca mais voltaria a matar, nem sequer para salvar a própria vida. Fizera esse voto e sabia que não o iria quebrar.

O vento girara para leste e fazia muito mais frio, mas a perseguição fizera Kotaro suar. Isamu via as gotas cintilantes à medida que o primo se aproximava. Nenhum respirava pesadamente, apesar do esforço. Sob a sua constituição enganadoramente magra escondiam-se músculos duros como o ferro e anos de treino.

Kotaro parou e tirou um raminho do casaco. Estendeu-o, dizendo:

— Não é nada de pessoal, primo. Quero deixar isso bem claro. A decisão foi tomada pela família Kikuta. Tirámos à sorte e calhou-me o pau mais curto. Mas o que é que te deu para tentares deixar a Tribo?

Uma vez que Isamu não respondeu, Kotaro prosseguiu:

— Parto do princípio de que é isso que estás a tentar fazer. Foi a essa conclusão que a família chegou quando não recebemos notícias tuas por mais de um ano, quando não regressaste a Inuyama ou ao País do Meio, quando não levaste a cabo tarefas que te haviam sido atribuídas, encomendadas, melhor dizendo, e pagas, devo acrescentar, pelo próprio Iida Sadayoshi. Alguns afirmavam que morreras, mas ninguém comunicara a tua morte e achei difícil acreditar nisso. Quem te conseguiria matar, Isamu? Ninguém se aproximaria o suficiente para o fazer com uma faca, uma espada ou um garrote. Nunca te deixas dormir, nunca te embebedas. Tornaste-te imune a todos os venenos, o teu corpo curase de todas as doenças. Na história da Tribo, nunca houve um assassino como tu. Até eu admito a tua superioridade, embora me fique atravessada na garganta. Agora encontro-te aqui, bem vivo, muito longe de onde devias estar. Tenho de aceitar que fugiste à Tribo, para o que existe apenas um castigo.

Isamu sorriu levemente, mas continuou sem dizer nada. Kotaro guardou o ramo na dobra do casaco.

— Não desejo matar-te — disse em voz baixa. — Foi esse o julgamento da família Kikuta, a não ser que regreses comigo. Como te disse, tirámos à sorte.

Enquanto falava, mantinha uma postura alerta, os olhos inquietos, o corpo tenso na expectativa da luta que se adivinhava.

Isamu disse:

— Eu também não te quero matar, mas não regressarei contigo. Tens razão ao dizer que deixei a Tribo. Deixei-a para sempre e nunca regressarei.

— Então, tenho ordens para te executar — declarou Kotaro, falando com mais formalidade, tal como se anunciasse uma sentença da justiça. — Por desobediência à tua família e à Tribo.

— Compreendo — retorquiu Isamu com a mesma formalidade. Nenhum se moveu. Kotaro continuava a suar abundantemente apesar do vento frio. Os seus olhares cruzaram-se e Isamu sentiu o poder do olhar do primo. Ambos possuíam o dom de induzir sono no adversário e ambos eram igualmente aptos a resistir-lhe. A luta silenciosa prosseguiu por um longo momento, até Kotaro lhe pôr fim ao puxar da faca. Os seus movimentos eram desajeitados, sem a sua destreza habitual.

— Deves fazer o que tens de fazer — disse Isamu. — Perdoo-te e oro para que o Céu também o faça.

Pareceu que aquelas palavras deixaram Kotaro ainda mais nervoso.

— Perdoas-me? Que tipo de linguagem é essa? Quando é que a Tribo perdoa alguém? Ou há obediência total ou castigo. Se te esqueceste disso, ficaste estúpido ou maluco. Em qualquer dos casos, a única cura é a morte.

— Sei isso tão bem como tu. Tal como sei que não posso escapar, nem a ti, nem a este julgamento. Portanto, leva-o a cabo, sabendo que te absolve da tua culpa. Não deixo ninguém que me vingue. Tu terás obedecido à Tribo e eu... ao meu senhor.

— Não te vais defender? Nem sequer vais tentar lutar comigo? — perguntou Kotaro.

— Se tentar lutar contra ti, é quase certo que consigo matar-te. Acho que ambos sabemos isso. — Isamu riu-se. Em todos os anos em que lutara com Kotaro, nunca sentira tanto poder sobre o outro homem. Abriu os braços, o peito exposto e indefeso. Ainda se ria quando a faca se espetou no seu coração. A dor invadiu-o, o céu escureceu e os seus lábios formaram as palavras da despedida. Iniciou a viagem para a qual, no seu tempo, enviara tantos outros. O seu último pensamento foi para a rapariga e o seu corpo quente, no qual, embora não soubesse, deixara uma parte de si.



Nesta época, o senhor da guerra Iida Sadayoshi, que contratava muitos membros da Tribo, incluindo Kikuta Kotaro, empenhava-se em unificar o Leste dos Três Países, obrigando pequenas famílias e clãs a submeterem-se à folha de carvalho tripartida dos Tohan. O País do Meio era, havia centenas de anos, governado pelos Otori e o actual chefe do clã, o Senhor Shigemori, tinha dois filhos ainda jovens, Shigeru e Takeshi, e dois meios-irmãos descontentes e ambiciosos, Shoichi e Masahiro.

Takeshi nascera no ano em que a Senhora Otori fizera trinta e dois anos e, nessa idade, muitas mulheres abraçavam já os netos. Casara com Shigemori com dezassete anos, tendo ele vinte e cinco. Concebera um filho quase de imediato, trazendo grandes esperanças a uma garantia rápida de sucessão, mas a criança, um rapaz, nascera morta e a seguinte, uma menina, viveu apenas algumas horas após o nascimento. Seguiram-se vários abortos espontâneos, todos filhos da água, entregues aos cuidados de Jizo. Parecia que o seu ventre era demasiado instável para carregar um filho vivo até ao fim. Consultaram-se médicos e padres e, por fim, um curandeiro das montanhas. Os médicos receitaram alimentos que fortaleciam o ventre: arroz com goma, ovos e feijão de soja fermentado; foi aconselhada a não comer enguias e outras espécies de peixe e chás conhecidos pelas suas propriedades calmantes. Os padres entoaram preces e encheram a casa de incenso e talismãs de santuários distantes. O curandeiro atou uma corda de palha em volta do ventre dela para manter a criança lá dentro e proibiu-a de olhar para a cor vermelha, não fosse despertar o desejo de sangrar do ventre. Em privado, o Senhor Shigemori foi aconselhado

pelos seus escudeiros a arranjar uma ou várias concubinas, mas os seus meios-irmãos Shoichi e Masahiro opuseram-se a essa ideia, dizendo que a sucessão dos Otori fora sempre conseguida por meio de herdeiros legítimos. Talvez os outros clãs tratassem destas questões de modo diferente, mas, afinal, os Otori descendiam da família imperial e seria certamente um insulto para o Imperador criar um herdeiro ilegítimo. É claro que se podia adoptar uma criança, legitimando-a, mas Shoichi e Masahiro não eram assim tão leais ao irmão mais velho e encobriam as suas próprias ideias sobre a herança.

Chiyo, a criada mais velha entre o pessoal da Senhora Otori, que fora sua ama-de-leite e a criara, foi em segredo às montanhas, a um santuário sagrado dedicado a Kannon, e trouxe um talismã tecido com pêlo de cavalo e tiras de papel leves como fios e que continha no seu interior um feitiço. Coseu-o na bainha da camisa de noite da sua senhora sem dizer nada a ninguém. Quando a criança foi concebida, Chiyo certificou-se de que se seguia o seu próprio regime para uma gravidez segura: repouso, boa comida, nada de excitações, nem de médicos, padres ou curandeiros. Deprimida por ter perdido tantos filhos, a Senhora Otori depositava poucas esperanças na vida deste. Na verdade, quase ninguém se atrevia a esperar por uma criança viva. Quando nasceu um rapaz que revelou todos os sinais de tencionar sobreviver, a alegria e o alívio do Senhor Shigemori foram imensos. Convencida de que o filho nascera apenas para lhe ser tirado, a Senhora Otori não pôde amamentá-lo e a filha de Chiyo, que acabara de dar à luz o seu segundo filho, foi a sua ama-de-leite. Aos dois anos de idade, foi dado à criança o nome de Shigeru.

Mais dois filhos da água foram entregues aos cuidados de Jizo antes de Chiyo fazer outra peregrinação às montanhas. Desta vez levou o cordão umbilical da criança que sobrevivera como oferta à deusa e regressou com outro talismã tecido.

Shigeru tinha quatro anos quando o irmão nasceu. O segundo filho recebeu o nome de Takeshi — os nomes favoritos dos Otori, que continham Shige e Take, e que recordavam às crianças a importância tanto da terra como da espada, as bênçãos da paz assim como os prazeres da guerra.

Assim, ficou assegurada a sucessão legítima para grande alívio de todos, talvez com a possível excepção de Shoichi e Masahiro, que esconderam o seu desapontamento com a firmeza esperada da classe guerreira. Shigeru foi criado na tradição estrita e disciplinada dos Otori, que valorizavam a coragem e as capacidades físicas, a inteligência aguda, a

agilidade mental, o autocontrole e a cortesia nos adultos e a obediência nas crianças. Aprendeu as artes da cavalaria, o uso da espada, do arco e da lança, a arte e a estratégia da guerra, o governo e a história do clã e a administração e tributação das suas terras.

Essas terras compreendiam todo o País do Meio desde o mar do Norte até ao do Sul. No Norte, o porto de Hagi era a cidade fortificada dos Otori. O comércio com o continente e a pesca abundante nos mares do Norte tornaram-na próspera. Artífices de Silla, no continente, instalaram-se lá e introduziram muitas pequenas indústrias, com especial relevo para a bela cerâmica: o barro local tinha uma cor especialmente agradável que dava um lustre carnal aos vidrados esbaticados. Yamagata, no Centro do país, era a segunda cidade mais importante, mas no Sul comerciava-se igualmente a partir do porto de Hofu. Dos Três Países, o País do Meio era o mais próspero, o que significava que os seus vizinhos o olhavam sempre com cobiça.

No quarto mês do ano que se seguiu à morte de Kikuta Isamu, Otori Shigeru, então com doze anos, foi visitar a mãe, como fazia uma vez por semana desde que saíra da casa em que crescera e fora viver para o castelo como herdeiro de seu pai. A casa fora construída num pequeno promontório junto da união dos rios idênticos que rodeavam a cidade de Hagi. As quintas e as florestas da margem oposta pertenciam à família da mãe. A casa fora construída em madeira, cercada de varandas e coberta de grandes beirais. A parte mais velha tinha telhados de colmo, mas o avô mandara construir uma nova ala com um telhado de ripas de casca de árvore, um segundo andar com uma sala e uma escada de carvalho polido. Embora ainda faltassem alguns anos para que Shigeru atingisse a maioridade, usava uma espada curta presa na cinta do manto. Neste dia, e uma vez que a visita à mãe era considerada uma ocasião com uma certa formalidade, trajava adequadamente, com a cota de armas dos Otori, uma garça, nas costas do casaco de mangas largas e das calças amplas que vestia sob o manto. Foi transportado num palanquim lacado a negro, cujos lados eram de junco entrelaçado e as cortinas de seda oleada, as quais ele mantinha sempre erguidas. Teria preferido ir a cavalo — adorava esses animais —, mas, como herdeiro do clã, esperavam-se dele certas formalidades, às quais obedecia sem questionar.

Num segundo palanquim, acompanhava-o o professor, Ichiro, um primo afastado do pai, encarregado dos seus estudos desde os seus quatro anos, quando iniciara a educação formal de leitura, escrita

com pincel, história, os clássicos e poesia. Os carregadores dos palanquins atravessaram os portões em corrida curta e os guardas aproximaram-se, deixando-se cair de joelhos quando a caixa foi pousada e Shigeru saiu. Aceitou as vénias com uma ligeira inclinação da cabeça e esperou respeitosamente que Ichiro se desembaraçasse e descesse do palanquim. O professor era um homem sedentário, já atacado por dores nas articulações que lhe dificultavam os movimentos. O velho e o rapaz ficaram um momento a admirar o jardim, ambos invadidos por uma súbita alegria. As azáleas estavam prestes a florir e um brilho avermelhado matizava os arbustos. Em volta dos lagos floresciam as íris brancas e púrpura e as folhas das árvores de fruto exibiam um verde novo e refrescante. Um regato corria pelo jardim e as carpas de um vermelho-dourado cintilavam abaixo da superfície. Do fundo vinha o som do rio na maré baixa, um marulhar suave, e, sob o aroma das flores, o odor familiar a lama e peixe.

Havia um arco no muro, uma conduta através da qual o regato se juntava ao rio, do outro lado. Havia normalmente uma grelha de bambu entrelaçado de encontro à abertura para evitar que os cães vadios entrassem no jardim e Shigeru notou que fora empurrada para o lado. Sorriu para consigo, lembrando-se de como costumava sair para as margens do rio da mesma maneira. Takeshi estava provavelmente a brincar lá fora, sem dúvida entregue a uma batalha de pedras, e a mãe devia sentir-se preocupada. Ralhar-lhe-iam mais tarde por não estar pronto, trajando as suas melhores vestes, para cumprimentar o irmão mais velho, mas tanto a mãe como o irmão lhe perdoariam depressa. Shigeru sentiu um prazer trepidante perante a ideia de ver o irmão.

Chiyo saudou-os da varanda e ele virou-se, vendo uma das criadas ajoelhada ao lado dela sobre o soalho de tábua com uma taça de água, pronta para lhes lavar os pés. Ichiro soltou um profundo suspiro de satisfação e, sorrindo abertamente de uma forma que nunca fazia no castelo, dirigiu-se à casa. Todavia, antes de Shigeru o poder seguir, ouviu-se um grito para além do muro e Endo Akira apareceu a chapinhar na água. Estava coberto de lama e sangrava de cortes na testa e no pescoço.

— Shigeru! O teu irmão! Caiu ao rio!

Havia não muito tempo, Shigeru também tomara parte em batalhas semelhantes e Akira fora um dos seus oficiais juniores. Existia uma rixa antiga entre os rapazes Otori, juntamente com Akira e Miyoshi Kahei, o melhor amigo de Takeshi, e os filhos da família

Mori, que viviam na margem oposta e que consideravam o açude do peixe a sua ponte privativa. Os rapazes faziam as suas batalhas com seixos pretos, arrancados do aluvião durante a maré baixa. Todos caíam ao rio mais tarde ou mais cedo e haviam aprendido a lidar com ele e o seu carácter traiçoeiro. Shigeru hesitou, relutante em mergulhar na água e sem vontade de sujar a roupa e insultar a mãe, obrigando-a a esperar por ele.

— O meu irmão mais novo sabe nadar!

— Não, não voltou a aparecer!

Um sabor a medo secou-lhe a boca.

— Mostra-me — disse, saltando para a água, seguido por Akira. Da varanda ouviu o grito ultrajado de Chiyo:

— Senhor Shigeru! Não é altura para brincadeiras! A vossa mãe espera-vos.

Reparou como tinha de se baixar para passar pelo arco. Ouvia as diferentes notas da água, a cascata do jardim, o chape do regato ao correr pela conduta até à praia junto ao rio. Deixou-se cair na lama, sentindo-a envolver-lhe as sandálias, malcheirosa; tirou-as, juntamente com o casaco e o manto, que largou quase sem reparar sobre a lama, notando apenas a superfície esverdeada e vazia do rio. A jusante, à sua direita, viu a primeira coluna da ponte de pedra inacabada erguendo-se da água e a maré que subia revolteando entre as bases e um barco, empurrado pela maré, conduzido por uma rapariga. Assim que os seus olhos a miraram, viu que ela se apercebera do acidente e se erguia, despindo o manto e preparando-se para mergulhar. Depois olhou rio acima, para o açude, onde os dois rapazes mais novos dos Mori se ajoelhavam, perscrutando a água.

— Mori Yuta também caiu — bradou Akira.

Nesse momento ouviu-se um chape-chape agitado na água e Miyoshi Kahei emergiu, arfando, o rosto esverdeado, os olhos salientes. Inspirou profundamente duas ou três vezes e mergulhou de novo.

— É ali que eles estão — declarou Akira.

— Vai chamar os guardas — ordenou Shigeru, mas sabia que não havia tempo para esperar por ninguém. Correu e mergulhou no rio, que, a pouca distância da margem, se tornava muito mais fundo. A maré puxava com força, empurrando-o para o açude do peixe. Kahei emergiu de novo quase à sua frente, a tossir e a cuspir água.

— Shigeru! — gritou. — Estão presos debaixo do açude.

Shigeru não pensou em mais nada excepto que não podia deixar Takeshi morrer no rio. Mergulhou na água lamacenta, sentindo a força

da maré. Viu os corpos turvos, quais sombras, os membros entrelaçados como se continuassem a lutar. Yuta, mais velho e mais pesado, estava do lado de fora. Empurrado contra a estrutura de madeira do açude, em pânico, obrigara Takeshi a embrenhar-se ainda mais entre as estacas. Parecia que a sua cinta estava presa a um pedaço de madeira denteado.

Shigeru contava mentalmente para se manter calmo. O sangue começava a martelar-lhe nos ouvidos e os pulmões exigiam ar. Puxou pelo tecido encharcado, que não se soltou. Não conseguia afastar Yuta para alcançar Takeshi. Sentiu, então, um movimento na água e percebeu que não estava sozinho. Pensou que era Kahei, mas viu o contorno de um seio contra a madeira escura e as ervas verdes. A rapariga agarrou em Yuta e sacudiu-o e o tecido soltou-se. O rapaz tinha a boca aberta e dela não saíam quaisquer bolhas. Parecia já morto. Shigeru podia salvar um, mas não os dois, e, nesse momento, não conseguia pensar em mais ninguém a não ser em Takeshi. Mergulhou mais fundo e agarrou o irmão pelos braços.

Tinha os pulmões a rebentar e a visão encarniçada. Parecia que os membros de Takeshi se moviam, mas era apenas a corrente do rio a sacudi-los. Parecia incrivelmente pesado, demasiado para um rapaz de oito anos, demasiado pesado para que Shigeru o conseguisse puxar, mas não o largou. Preferia morrer no rio a deixá-lo lá sozinho. A rapariga estava a seu lado, puxando Takeshi, empurrando ambos para cima. Só lhe distinguia os olhos, escuros e concentrados devido ao esforço. Nadava como um corvo-marinho, muito melhor que ele.

Lá em cima, a luz parecia muito perto. Via a superfície fracturada, mas não a conseguia alcançar. Abriu involuntariamente a boca — talvez para respirar ou gritar por auxílio — e engoliu água. Parecia que os pulmões gritavam de dor. O rio transformara-se numa prisão, a água já não fluida e dócil, mas sim uma membrana sólida que se fechava sobre ele, sufocando-o.

Nada, nada para cima. Foi como se ela tivesse falado com ele. Sem saber como, descobriu um resto de força. A luz intensificou-se, ofuscante, e depois a cabeça rompeu a superfície e Shigeru começou a respirar. O rio abrandou o seu abraço de serpente e deixou-o boiar, segurando Takeshi nos braços.

O irmão tinha os olhos fechados e parecia não respirar. A boiar, tremendo, Shigeru encostou a boca à do irmão e passou-lhe o seu ar, pedindo a todos os deuses e espíritos que o ajudassem, zangado com o deus do rio e com a própria morte e recusando deixá-los levar Takeshi para o seu mundo de sombras.

Os guardas da casa tinham aparecido na margem e chapinhavam na água. Um deles pegou em Takeshi e nadou com força para a margem. Um outro puxou Kahei e ajudou-o a nadar. Um terceiro tentou ajudar Shigeru, mas ele empurrou-o.

— Mori Yuta ainda está lá em baixo. Vai buscá-lo.

O rosto do homem empalideceu e mergulhou imediatamente.

Shigeru ouvia o irmão mais novo de Mori a soluçar no açude. Algures ao longe, uma mulher gritava, um som alto como um maçarico-real. Ao nadar até à margem e sair aos tropeções da água, Shigeru sentiu a paz normal do entardecer, o calor do sol, o aroma das flores e o odor da lama, o toque suave do vento de sul.

O guarda pousara Takeshi na praia, de cara para baixo, e, ajoelhado a seu lado, pressionava-lhe as costas devagar para lhe esvaziar a água dos pulmões. O rosto do homem estava sombrio e chocado e abanava continuamente a cabeça.

— Takeshi! — bradou Shigeru. — Acorda! Takeshi!

— Senhor Shigeru — principiou o guarda com a voz a tremer. Não conseguia articular o terrível medo e, na sua emoção, pressionava com mais força os ombros da criança.

Os olhos de Takeshi tremeram e tossiu violentamente. A água escorreu-lhe da boca e engasgou-se, gritou e tentou vomitar. Shigeru ergueu-o, limpou-lhe o rosto e segurou-o enquanto ele voltava a vomitar. Viu-lhe os olhos húmidos e pensou que Takeshi fosse chorar de alívio ou choque, mas o rapaz lutou por se pôr em pé, empurrando Shigeru.

— Onde está Yuta? Venci-o? Isto há-de-o ensinar a não vir para a nossa ponte!

Tinha a cinta e as mangas cheias de pedras e o guarda riu-se ao tirá-las.

— As vossas armas quase vos mataram! Não foi lá muito esperto, pois não?

— O Yuta empurrou-me! — gritou Takeshi.

Apesar dos seus protestos, o homem levou-o ao colo para casa. As notícias do acidente haviam-se espalhado depressa e as criadas da casa tinham corrido para a rua, juntando-se na margem.

Shigeru pegou nas roupas que deixara sobre a lama e vestiu-as. Pensou se devia tomar banho e mudar-se antes de ver a mãe. Olhou de novo para o rio e viu a rapariga subir para o barco e vestir-se. Ela não olhou para ele, começando a remar rio abaixo, contra a corrente. Havia ainda homens a mergulhar em busca de Yuta. Shigeru

recordou o abraço firme e sufocante do rio e estremeceu apesar do calor do sol. Baixou-se de novo e pegou numa das pedras mais pequenas — um seixo redondo e negro, alisado pela água.

— Senhor Shigeru! — chamava Chiyo. — Vinde — dizia ela. — Eu arranjo-lhe roupas limpas.

— Tens de pedir desculpa à minha mãe por mim — disse ele ao dar um salto para a margem. — Lamento tê-la feito esperar.

— Não creio que fique zangada — disse Chiyo a sorrir. Olhou de relance o rosto de Shigeru. — Vai ficar orgulhosa de vós e o vosso pai também. Não fiquéis triste, nem vos aflijais mais. Haveis salvado a vida do vosso irmão.

O alívio deixou-o fraco. A enormidade do que podia ter acontecido estava ainda muito presente. Se ele não estivesse no jardim! Se Akira não o tivesse encontrado! Se tivesse chamado primeiro os guardas, se a rapariga não tivesse mergulhado a seguir a ele... Fora educado a não ter medo da morte, nem a chorar excessivamente a morte dos outros, mas ainda não perdera ninguém próximo de si e nunca percebera como amava intensamente o irmão. A dor aproximara-se com o seu bafo sombrio e paralisante e a sua colecção de armas insidiosas que feriam o coração e atormentavam o espírito. Viu que a dor era um inimigo que era necessário recear muito mais que qualquer guerreiro e percebeu que não teria armadura contra o seu assalto. E soube que o resto da sua vida seria uma luta para afastar a dor, mantendo Takeshi vivo.